

Editorial REBEH V.8 N.22 (2025)

Produzir conhecimento para enfrentar o fascismo

Alexandre Bortolini¹
Bruna Andrade Irineu²
Cello Latin Pfeil³
Eduardo Marinho da Silva⁴

A capa desta edição traz um triângulo rosa invertido, imagem que já figura há décadas como símbolo da resistência LGBTQIA+ ao nazismo. Tal qual a estrela de Davi para os judeus, foi usado para marcar dissidentes sexuais e de gênero durante o regime nazista, em particular nos campos de concentração. Como aconteceu com outros signos, o triângulo rosa foi apropriado pelos movimentos sociais nas décadas seguintes, sendo transformado em símbolo de resistência. Sua presença na imagem remete justamente ao contexto geopolítico em que vivemos, com o aprofundamento do avanço da extrema direita global. Se o mais famoso bilionário do ocidente teve a coragem (e as condições de possibilidade) de fazer uma saudação nazista durante a posse do presidente norte-americano no início do ano, diante dos olhos de todo o planeta, isso significa que não se trata mais de um movimento silencioso, mas sim de um explícito projeto

¹ Doutor em Educação – USP. Pesquisador do Programa de Pós-Doutorado para Pesquisadores Negros e Negras da Universidade de São Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (2024-2025). E-mail: bortolini.alexandre@gmail.com.

² Doutora em Serviço Social - UFRJ. Professora do Departamento de Serviço Social, do Programa de Pós-Graduação em Política Social e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFMT. Secretária executiva da ABETH. E-mail: bruna.irineu@ufmt.br.

³ Professor Substituto do Depto. de Ciência Política da UFRJ. Doutorando e Mestre em Filosofia (PPGF/UFRJ). Conselheira da ABETH e coordenador do Núcleo de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). E-mail: mltpfeil@gmail.com.

⁴ Doutorando em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. E-mail: marinhoems@gmail.com.

nazifascista sendo colocado em curso, tendo os Estados Unidos não mais como antagonista, mas como polo irradiador global.

Importante lembrar que têm sido especialmente as pessoas trans o objeto principal dos investimentos reacionários, no passado e no presente. Foi sobre essas pessoas que recaiu de forma mais intensa a política moral e a violência estatal perpetrada pela ditadura militar brasileira, e são elas, ainda, o alvo preferencial das ofensivas anti-gênero no Brasil e em outras partes do mundo. Nesse contexto, os ataques perpetrados pelo recém-eleito presidente norte-americano contra imigrantes, feministas e LGBTQIA+, mas fundamentalmente a população trans, nos exige pensar as ofensivas anti-gênero, para muito além de mera agenda moral instrumentalizada eleitoralmente, como frente de excitação de noções políticas fundamentais para o novo avanço da extrema direita e (re)ascensão do nazifascismo no mundo.

Mais do que um tema, nossa capa faz referência ao contexto político e social que atravessamos, e que marca, de modo inescapável, nossas formas e condições de produzir e fazer circular conhecimento. Desde a última década, nações de todo o mundo têm enfrentado desafios significativos na manutenção das suas democracias. Em muitos desses países, questões de gênero e sexualidade vêm sendo utilizadas para mobilizar movimentos reacionários e questionar instituições fundamentais para o sistema democrático. No caso brasileiro, a constituição de uma agenda anti-feminista e anti-LGBTQIA+, mais do que uma questão secundária, foi parte central do processo de retrocesso autoritário que vivemos nos últimos anos.

Parte importante do investimento desses movimentos reacionários se dedicou a impedir a circulação de conhecimentos, cientificamente fundamentados, a respeito das múltiplas possibilidades de vivência do corpo e da identidade. Articulando estratégias legislativas proibicionistas e técnicas capilares de terrorismo ideológico, atacaram pesquisadores, professores, escolas e universidades, buscando silenciar qualquer debate crítico (Passos *et al.*, 2023). Suas investidas produziram efeito, interrompendo um

processo de avanço de políticas públicas e consolidando um ambiente de censura e silenciamento em torno de temas de gênero e sexualidade.

Nesse contexto, se torna ainda mais estratégica a manutenção e qualificação de uma revista científica dedicada exclusivamente a fazer circular o conhecimento produzido a partir das dissidências sexuais e de gênero. Desde sua criação, a REBEH tem como missão contribuir para a disseminação do conhecimento cientificamente fundamentado sobre gênero e sexualidade na sociedade brasileira, como forma de romper a censura e desinformação que rondam esses temas, favorecendo o desenvolvimento deste campo de pesquisa.

Trajetória

A REBEH é uma publicação organizada pela Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH), que neste ano de 2025 completa oito anos de existência. Fundada em 2001, a ABETH é uma associação científica de âmbito nacional, sem fins econômicos, que reúne mais de 450 pesquisadores LGBTQIA+ e aliadas, atuantes em movimentos sociais e instituições públicas, privadas e independentes, que investigam as múltiplas dinâmicas envolvidas na produção social do gênero e da sexualidade. A atual gestão da ABETH, sediada em Brasília, é composta por profissionais vinculados a algumas das mais importantes universidades brasileiras. Longe de ser uma instituição cerrada nos muros do academicismo, a ABETH é um espaço vivo de interlocução entre a produção científica, os movimentos sociais e instituições governamentais (Bortolini; Irineu; Pfeil, 2024).

Desde 2018, a ABETH edita a REBEH – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, hoje um dos mais relevantes periódicos do campo dos estudos de gênero e sexualidade. A revista publica artigos de autores vinculados a instituições de todos os estados brasileiros, além de submissões oriundas de instituições estrangeiras vinda da Europa, América do Norte, América Latina e África. Tem no seu corpo editorial

representantes das cinco regiões do país, além de estrangeiros compondo seu conselho editorial.

Nos anos que se seguiram à sua criação, a equipe editorial trabalhou para organizar os fluxos de recebimento, avaliação e publicação, garantindo periodicidade e consistência. Em 2022, a REBEH recebeu sua primeira classificação Qualis, alcançando nota A2. Em 2024, aderimos ao fluxo contínuo de recebimento e de publicação dos manuscritos, tornando ainda mais dinâmico o processo editorial da revista. E no mesmo ano, a revista foi aprovada para receber fomento do Programa Editorial do CNPq.

Perspectivas

Como perspectivas de futuro, a REBEH busca se consolidar como periódico de referência no campo dos estudos de gênero e sexualidade, a partir de algumas premissas:

- Garantir a gratuidade tanto para o acesso quanto para a submissão de trabalhos, contribuindo para a democratização dos meios de produção e circulação do conhecimento científico;
- Desenvolver políticas afirmativas que contribuam para visibilizar a produção de grupos historicamente marginalizados do campo acadêmico, garantidos os processos editoriais de avaliação duplo cego por pares;
- Constituir a REBEH como um espaço aberto de formação, voltado a pesquisadores de diferentes perfis e em distintos momentos do percurso acadêmico, contribuindo para qualificá-los quanto aos processos e dinâmicas típicos da publicação científica;
- Criar mecanismos e práticas que garantam a permanência de um quadro de editores estável, garantindo o fluxo e a continuidade do periódico;

- Melhorar os padrões de qualidade da revista, nos mais diferentes aspectos editoriais, desde os processos de análise e avaliação por pares até a revisão, diagramação e divulgação dos trabalhos publicados;
- Investir na internacionalização do periódico, bem como na indexação em repositórios e bases de dados locais e internacionais, contribuindo assim para a circulação global do conhecimento produzido pelo campo científico brasileiro.

Partindo destas premissas, estão sendo colocadas em ação as seguintes estratégias:

- Internacionalização: Com recursos disponíveis para tradução, a REBEH pretende intensificar sua política de internacionalização. Por um lado, garantindo versões em inglês e/ou espanhol para os próximos artigos publicados. E, por outro, investindo em traduções de textos de referência de autores estrangeiros relevantes, publicados originalmente em outras línguas, de forma a ampliar o acesso de pessoas engajadas no campo dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil à produção contemporânea das mais diferentes regiões do planeta. Além disso, a REBEH pretende desenvolver ações de comunicação dirigida voltadas a centros de pesquisa estrangeiros especializados em estudos sobre Brasil e América Latina e Caribe, com vistas a intensificar a circulação internacional do periódico, bem como aumentar o percentual de publicações inéditas de autores estrangeiros. A REBEH através da ABETH vem se somando a projetos de criação de redes latino-americana e caribenha de pesquisadores LGBTQIA+ fomentadas a partir de projeto apoiado pela Chamada Universal de 2023 do CNPq.
- Política afirmativa de publicação: Entre suas práticas editoriais, a REBEH inclui uma política editorial afirmativa, que considera simultaneamente qualidade e

equidade, combinando acesso universal com ações dirigidas a grupos historicamente invisibilizados, sem abrir mão dos processos que garantem a acuidade de um periódico científico. A política afirmativa da revista se dá através de chamadas específicas, como a composição de dossiês especiais – e, portanto, sem afetar as seções permanentes, que seguem de acesso universal. Essas ações são dirigidas a diferentes grupos que enfrentam uma posição desfavorável nas dinâmicas de visibilidade típicas do campo acadêmico brasileiro, como mulheres, pessoas negras, trans ou de fora do eixo Sul-Sudeste. O único diferencial nestas chamadas diz respeito a garantir que sujeitos oriundos destes grupos ocupem a primeira autoria. Seguem mantidos todos os demais procedimentos regulares da revista no processo de avaliação duplo cego por pares e em uma criteriosa análise editorial dos textos.

- **Formação de Novos Quadros e Sustentabilidade – Editoria Junior:** Em 2024 a REBEH implementou uma Editoria Junior, agregando pesquisadoras e pesquisadores já com algum percurso acadêmico, mas ainda iniciantes na atuação em periódicos. Essa editoria vem sendo consolidada, tornando-se parte permanente do Corpo Editorial da revista. A Editoria Junior tem tripla função. É, antes de tudo, um espaço formativo, onde pesquisadores podem tomar contato com os processos típicos de uma revista científica, agregando essa expertise aos seus currículos e qualificando sua compreensão do campo. Em segundo lugar, é um espaço de atuação direta, que simultaneamente permite o exercício prático de gerenciamento de submissões pelos editores iniciantes, ao mesmo passo que contribui para reduzir a sobrecarga de trabalho da equipe editorial, ajudando a manter equilibrado o fluxo da revista. E, por fim, é também um espaço de formação de quadros, porta de entrada para profissionais que irão, mais à frente, compor o staff permanente do periódico, garantindo sua continuidade. Seguindo o princípio de investir na democratização sem abrir mão da qualidade, a atuação

dos editores juniores é permanentemente supervisionada por editores sênior especificamente designados para este papel, responsáveis tanto pelos processos formativos, quanto por garantir a integridade dos procedimentos editoriais.

- Indexações, impacto e avaliação: Manter as indexações da REBEH no Latindex e no Diadorim, e buscar alcançar os padrões de qualidade necessários à adesão a outras bases indexadoras, como DOAJ, Redalyc, Web of Science e/ou Scopus, além de adotar medidas para potencializar o impacto da revista e manter a classificação A2 no Qualis-Periódicos. A equipe editorial da REBEH também está acompanhando de perto as discussões sobre as transformações do Qualis Periódicos, sua substituição pelo Fator de Impacto, e os efeitos dessas mudanças nos nossos processos editoriais.

A continuidade e o aprimoramento da REBEH vêm dando relevante contribuição para a difusão de pesquisas com este escopo específico, colaborando no processo de renovação epistemológica que tem marcado o campo acadêmico brasileiro nas últimas décadas. Ao propagar conhecimento cientificamente fundamentado a respeito de temas que, junto a outras questões emblemáticas, tornaram-se alvos preferenciais do negacionismo científico, a existência da REBEH contribui inclusive para a manutenção da própria ciência como meio fundamental de produção de conhecimento socialmente reconhecido. Através da defesa da liberdade de produção e circulação de conhecimento, da ciência como fundamento para as políticas públicas, da laicidade do Estado e da autodeterminação dos corpos e das identidades, a ABETH dá assim sua contribuição não só para a promoção dos direitos de pessoas LGBTQIA+, mas também para a construção e consolidação da própria democracia no Brasil e no mundo.

Referências

BORTOLINI, Alexandre; IRINEU, Bruna A.; PFEIL, Cello L. Ciência como meio e espaço de luta: sete anos da Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 7, n. 22, 2024. DOI: [10.29327/2410051.7.22-1](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/17300). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/17300>. Acesso em: 26 mar. 2025.

PASSO, Maria Clara A.; LACERDA, Milena C.; IRINEU, Bruna A.; BORTOLINI, Alexandre. “Um novo tempo, apesar dos perigos”: enfrentar o facismo para reconstruir a democracia. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 5, n. 18, p. 1–11, 2023. DOI: [10.31560/2595-3206.2022.18.15369](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15369). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15369>. Acesso em: 26 mar. 2025.